

A SOCIEDADE DO CONSUMO E A TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

SOCIETY OF CONSUMPTION AND THE TRANSFORMATION OF CULTURAL IDENTITY

Júlia Francieli Neves de Oliveira¹

RESUMO

A pesquisa se concentra na reflexão sobre a sociedade do consumo e a transformação da identidade cultural que está presente na sociedade contemporânea tem por objetivo central compreender os processos de instabilidade estável da identidade presentes na sociedade em que vivemos. A partir desta perspectiva que se fundamenta a seguinte questão: Será que a sociedade do consumo, no cenário contemporâneo, faz com que o mesmo sujeito possa assumir, em lugares diversos, diferentes identidades, como se colocasse, para cada um desses ambientes, a máscara mais adequada as circunstâncias e ao enquadramento funcional de cada sistema? A sociedade é fortemente influenciada, pelo consumo, pela mídia, que visam o bem estar-individual, do lazer, do sucesso pessoal, profissional e do capital. Os indivíduos passam a agir em função dos problemas e medos e tentam culpar suas próprias fraquezas pelos desconfortos e derrotas, e a precariedade do “eu” e do “nós”, como figuras totalizantes, torna a identidade ainda mais fluida. A pesquisa é realizada pelo método dedutivo, pois este modo de raciocínio explica determinados fatos a partir de uma visão global, e integra, também, o método histórico em razão da relevância da análise dos fenômenos jurídicos no tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo; identidade; sociedade.

ABSTRACT

The research focuses on the reflection of consumer society and the transformation of cultural identity that is present in contemporary society is the central objective of understanding the processes of stable instability of identity in society in which we live. From this perspective underlying the following question: Does the consumer society in the contemporary setting, makes the same subject may assume, in many places, different identities, like putting, for each of these environments, the mask most appropriate to the circumstances and functional framework of each system? The society is heavily influenced by consumption, media, aimed at the welfare-individual, leisure, personal success, professional and capital. Individuals begin to act on the problems and fears and try to blame their own weakness the discomforts and defeats, and the precariousness of "I" and "we" as totalizing figures, makes even more fluid identity. The search is performed using the deductive method as this mode of reasoning explains certain facts from a global view, and also integrates the historical method because of the relevance of the analysis of legal phenomena in time.

KEYWORDS: Consumption; identity; society.

¹ Pós-graduanda em Direito Processual Civil no Luis Flavio Gomes – LFG. Mestranda no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* – Mestrado em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus Santo Ângelo. Bolsista CAPES/PROSUP e membro do Projeto de Pesquisa *Multiculturalismo, Direitos Humanos e Cidadania* junto a este Mestrado. Pesquisa realizada através do projeto Casadinho/Procad. E-mail: julianeves15@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Para compreender as transformações sociais em termos de identidade, observam-se as mudanças culturais, onde as pessoas foram recebendo uma educação que as fizeram ser mais independentes de estruturas religiosas, sociais e políticas. Hoje o mundo impulsiona a sociedade a pensar diferenças e pluralidades.

É inegável a pluralidade de formas de identidades, devido à diversidade cultural e devido à sociedade consumista, a publicidade transformou os costumes locais e os comportamentos tradicionais, inculcando normas modernas de consumo, propagando as ideias de conforto, de juventude e de novidade. Os jornais, o rádio, cinema e televisão, visam uma máquina de uniformização capaz de produzir uma "felicidade conformista", materialista e mercantil.

Através do presente trabalho visa-se investigar a construção e reconstrução das identidades assumidas culturalmente, perante os vários papéis sociais, que são representados por um mesmo sujeito. Trabalho, lazer, família, religião, sexualidade etc. Requerem representações distintas e diferentes formas de reproduzir sua lógica interna de identificação. Maiores serão os recursos à identificação e à simulação de sua particularidade, quanto mais lugares e espaços um sujeito experimentar a sua individualidade.

O modo de raciocínio utilizado para a abordagem do tema é dedutivo, com procedimento comparativo, através de documentação indireta e com pesquisa bibliográfica, a qual consiste no levantamento de bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Considera-se que um raciocínio é dedutivo quando de uma ou mais premissas se conclui uma proposição que é conclusão lógica da(s) premissa(s). Recorre-se, também, ao método histórico em razão da relevância da análise dos fenômenos jurídicos no tempo.

O artigo apresenta-se em três partes. Primeiro se tematiza a sociedade do consumo, dando um destaque as possíveis justificativas para o individualismo atual e os lazeres múltiplos que se difundiram em todos os patamares da sociedade. Após uma breve análise sobre as transformações identitárias. Por último, relaciona-se a identidade cultural, que não implica um núcleo estável do ser, pois este está sempre em constantes transformações. Procura-se refletir sobre a identidade que é o efeito colateral e o subproduto da combinação das pressões globalizantes e individualizadoras e das tensões que elas geram.

1. A SOCIEDADE DO CONSUMO

As sociedades modernas consomem diversidade, celebram a diferença, que absorvem e saneiam, contudo selecionam o que querem por perto. O Mundo torna-se como um contêiner descartável: A flexibilidade no trabalho impede a ocorrência da segurança, como um todo da população.

Para compreender sobre a sociedade do consumo é necessário realizar uma reflexão sobre a insegurança, a fragilidade dos relacionamentos e o individualismo. A "modernidade pesada" era o tempo do compromisso entre capital e trabalho, fortificado pela mutualidade de sua dependência. Havia mobilização sindical e equilíbrio de forças. Porém o capital substituiu a dependência para os "consumidores". O sociólogo Bauman dá continuidade em suas observações sobre a nossa dificuldade de vivermos em sociedade e o desafio da confiança e do cuidado mútuo (BAUMAN, 2008, p. 33).

O estado da incerteza, a "impureza" das classificações, a nebulosidade e a porosidade das fronteiras são fontes constantes de medo e agressividade inseparáveis dos esforços de criar e manter a ordem. "A ordem é a segurança que vem da capacidade de prever, com pequeno ou nenhum erro, quais serão os resultados de suas ações" (BAUMAN, 2008, p. 44).

Porém a "globalização se refere à natureza desordenada dos processos que ocorrem acima do território "principalmente coordenado" e administrado pelo "mais alto nível" do poder institucionalizado, isto é, Estados soberanos" (BAUMAN, 2008, p. 48).

A precariedade é hoje o principal bloco construtivo da hierarquia de poder global e a principal técnica de controle social. "O grau de imobilização é hoje a principal medida de privação social e a principal dimensão da falta de liberdade, um fato simbolicamente refletido na crescente popularidade do confinamento prisional como forma de lidar com os indesejáveis" (BAUMAN, 2008, p. 53).

No entanto a liberdade sem segurança não tende a causar menos infelicidade do que a segurança sem liberdade. Segundo Bauman a individualidade contemporânea, se caracteriza na modernidade, como uma fatalidade, não uma escolha, e isto decorre devido a liberdade individual de escolher, onde não existe a opção de escapar à individualização. (BAUMAN, 2001, p. 58)

E o resultado desse processo como observa Manuel Castells, causa a incerteza na economia política, um mundo no qual o poder flutua, enquanto as políticas continuam atadas em seu lugar; o poder é crescentemente global e extraterritorial, mas as instituições políticas

permanecem territoriais e acham difícil, se não impossível, subir além do nível local (BAUMAN, 2008, p. 72).

Nos anos 20, a publicidade empenhou-se na destruição dos costumes locais e dos comportamentos tradicionais, inculcando normas modernas de consumo, propagando as ideias de conforto, de juventude e de novidade. Desde os anos 50, vê-se, sem trégua, na publicidade uma máquina de uniformização capaz de produzir uma "felicidade conformista", materialista e mercantil. O mesmo vale para os jornais, rádio, cinema e televisão, que adquiriram um imenso poder de uniformização dos gostos e das atitudes (LIPOVETSKY, 2004, p. 68),

Para Hannah Arendt, o triunfo do mundo moderno sempre foi relacionado com a emancipação do trabalho, isto é, ao fato de que “o animal laborans foi admitido no domínio público e, no entanto, enquanto o animal laborans continuar de posse dele, não poderá existir um verdadeiro domínio público, mas apenas atividades privadas exibidas a luz do dia” (ARENDR, 2010, p. 166).

O resultado desta situação chama-se de cultura de massas, arraigado ao problema da infelicidade universal: de um lado, o problemático equilíbrio entre o trabalho e o consumo e, de outro, a demanda de trabalho e a obtenção de uma felicidade que só pode ser alcançada se atingir um alto acúmulo de trabalho.

Sendo assim, a demanda de felicidade e de infelicidade são alguns dos sintomas de qual já começamos a viver em uma sociedade de trabalho, que não tem suficiente trabalho para mantê-lo contente.

Quanto mais fácil se tornar a vida em uma sociedade de consumidores ou de trabalhadores, mais difícil será preservar a consciência das exigências da real necessidade de cada indivíduo. O problema é que tal sociedade não reconheça a futilidade de uma vida que não se fixa nem se realiza e em assunto algum seja permanente (ARENDR, 2010, p. 167).

Percebe-se que nossa época é marcada por uma grande desestruturação das culturas de classe, pois já não existem atributos de classes ou modos de vida específicos para cada grupo social.

"Desde a entrada das nossas sociedades na era do consumo de massa, predominam os valores individualistas do prazer e da felicidade, da satisfação íntima, não mais a entrega da pessoa a uma causa, a uma virtude austera, a renúncia de si mesmo." A nossa cultura cotidiana, da mídia, do consumo e da publicidade, é amplamente dominado pelo bem-estar individual, pelo lazer, o interesse pelo corpo, os valores individualistas do sucesso pessoal e do dinheiro (LIPOVETSKY, 2004, p. 23).

Segundo Lipovetsky o consumo contemporâneo para apontar uma das possíveis justificativas para o individualismo atual. Segundo o autor, nas sociedades em que não existem maiores ideologias políticas, um certo número de indivíduos tende a querer afirmar a sua identidade por meio do consumo próprio. Nota-se a multiplicação dos "produtos simbólicos", que permitem imprimir escolhas sociais, valores, uma visão de mundo, uma identidade individual e opcional. "Inúmeros consumidores - um em cada dois, segundo algumas pesquisas - declaram agora que a dimensão do sentido e do valor dos produtos os estimula a comprar." (LIPOVETSKY, 2004, p. 53-54).

Sobre a influência da mídia em relação ao comportamento, Lipovetsky afirma ser dificilmente contestável a ideia de que a mídia exerce um poder social em matéria de transformação de modos de vida, dos gostos e dos comportamentos. A capacidade midiática de criar, em grande escala, fenômenos comportamentais, mesmo os gestos mais cotidianos tendem a homogeneizar-se.

A mídia é uma das forças subentendidas na formidável dinâmica de individualização dos modos de vida e dos comportamentos da contemporaneidade. "A imprensa, o cinema, a publicidade e a televisão disseminaram no corpo social as normas de felicidade e do consumo privados, da liberdade individual, do lazer e das viagens e do prazer erótico: a realização íntima e a satisfação individual tornaram-se ideais de massa exaustivamente valorizados." (LIPOVETSKY, 2004: 70).

Dessa forma, é possível perceber que vivemos num contexto em que as diferenciações sociais se reproduzem ao máximo e simultaneamente, as aspirações da moda, o ideal de bem-estar, os lazeres múltiplos difundiram-se em todos os patamares da sociedade. Cada qual intenta desfrutar daquilo que de melhor existe no mercado, pois

(...) Todas aquelas antigas contenção e refreamentos de classe caíram em desuso. É nessa atmosfera que uma nova espécie de consumidor se manifesta em exuberância "o consumidor turbinado", nômade, cada vez mais imprevisível, fragmentado, individualizado" (LIPOVETSKY, 2007, p. 19).

Segundo Bauman o estilo consumidor não critica a filosofia gerencial; não querem quebrar paradigmas; não desafiam, mas sim renegociam o modelo. O indivíduo quer o "Eu" primeiro. Pois este realiza a busca do melhor serviço e satisfação própria (BAUMAN, 2008, p. 130-131).

A sociedade moderna, possui uma modernização compulsiva. É a modernização que não pra, a ânsia avassaladora e endêmica pela destruição criativa (ou criatividade destrutiva)

para limpar o terreno em nome do design novo e melhorado, para dismantelar, cortar, defasas e diminuir em prol da maior produtividade ou concorrência (BAUMAN, 2008, p. 135).

Ser moderno significa ser incapaz de parar; deve continuar movendo não tanto pelo atraso na satisfação como sugeriu Marx Weber, mas, pela impossibilidade de sermos satisfeitos. A satisfação está sempre no futuro; é impossível sermos satisfeitos por completo (BAUMAN, 2008, p. 135-136).

Segundo Bauman, existem dois tipos de indivíduos quando não se consegue o que quer: O primeiro é o Indivíduo de jure: A quem culpar? Significa não ter ninguém para culpar sobre os seus fracassos e desilusões a não ser a si mesmo. E o segundo é o Indivíduo de facto: ter o controle sobre seus destinos e toma as decisões que assim deseja. Entretanto, para que seja de facto é necessário que seja um cidadão (BAUMAN, 2008, p. 138).

Porém a uma lacuna entre o indivíduo de jure e facto: E essa brecha não pode ser preenchida apenas pelos esforços individuais nem pelos meios e recursos disponíveis dentro da política da vida. Crítica da política-vida: a verdadeira libertação requer mais da esfera pública e do poder público; onde a autonomia individual carece de medidas públicas, na medida em que flui a sua relação interpessoal e o complexo meio da sociedade autônoma. (BAUMAN, 2008, p. 139).

“O aumento da liberdade individual pode coincidir com o aumento da impotência coletiva na medida em que as pontes entre a vida pública e privada são destruídas ou, para começar, nem foram construídas” (BAUMAN, 2001, p. 10).

A crítica hoje deve ser feita para reconectar os dois lados do abismo que se abriu entre a realidade do indivíduo de jure e as possibilidades do indivíduo de facto – construindo uma ponte. Entender-se como cidadão para reconectar (BAUMAN, 2008, p. 141).

Contudo o marco cognitivo é puramente econômico (dinheiro), o da distribuição de riqueza e renda e do acesso a emprego remunerado. A economia política da incerteza traz insegurança ao futuro e à estabilidade. Pois o trabalho está cada vez mais flexível contrato “renovável” trabalhos temporários, facilidade de demitir a baixo custo. Há também o enfraquecimento dos sindicatos entre outros problemas, e atualmente o trabalho é visto como o custo de manter-se vivo.

Neste sentido, a busca da identidade é o efeito colateral e o subproduto da combinação das pressões globalizantes e individualizadoras e das tensões que elas geram (BAUMAN, 2008, p.193). Tema que será analisado a seguir.

2. A TRANSFORMAÇÃO DAS IDENTIDADES

No processo de construção da identidade, motivado pela cultura, a modernidade contribuiu para a descoberta do indivíduo. As ideias liberais motivaram o surgimento da individualidade e a emancipação do indivíduo, isto é, de que o indivíduo pode imprimir sua liberdade em relação a um coletivo, rompendo com uma tradição milenar: Deus e o cosmos não são mais o centro, mas sim o indivíduo. Na história antiga e na história medieval, a tradição visava que o todo sempre se sobrepunha à parte. Esta compreensão mudou com a ótica liberal moderna. O centro, aos poucos, torna-se o homem-indivíduo com direitos que protegem a parte em relação ao todo. (GHIRALDELLI, 2007, p. 27-40)

Contudo “em vez de construir nossa identidade de maneira gradual e paciente, como se constrói uma casa, lidamos com formas montadas instantaneamente, apesar de desmanteladas com facilidade, pintadas umas sobre as outras; é uma identidade palimpséstica”. É o tipo de identidade que se adapta a um mundo em que a arte de esquecer é um bem mais importante do que a arte de memorizar (BAUMAN, 2008, p. 193).

As incertezas que atormentam as pessoas na passagem do séc. XXI não é tanto como obter as identidades de sua escolha e te-las reconhecidos pela sociedade a sua volta. Mas o problema é que identidade escolher e como ficar alerta para que outra escolha possa ser feita em caso, de a identidade antes escolhida possa ser retirada do mercado. Portanto a preocupação é a suspeita de que essa estrutura conquistada com tanta dificuldade seja logo destruída. (BAUMAN, 2008, p. 115).

Pois os homens e mulheres buscam grupos aos quais possam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo onde tudo o mais está se movendo e mudando, onde nada mais é garantido.

Esclarece Charles Taylor, que a política do reconhecimento, é uma suposta relação entre reconhecimento e identidade, ou seja, suas características a definem, como ser humano.

“A tese consiste no facto de a nossa identidade ser formada, em parte, pela existência ou inexistência de reconhecimento e, muitas vezes, pelo reconhecimento incorrecto dos, outros, podendo uma pessoa ou grupo de pessoas serem realmente prejudicadas, serem alvo de uma verdadeira distorção, se aqueles que os rodeiam reflectirem uma imagem limitativa, de inferioridade ou de desprezo por eles mesmos”.(TAYLOR, 1994, p. 45)

Portanto, o não reconhecimento ou reconhecimento incorreto, acaba por limitar o ser humano de forma negativa, reduzindo-o ou distorcendo sua imagem. Através da identidade

individual o reconhecimento foi-se aumentando e modificando. A partir do séc. XVIII as pessoas são dotados de um sentido moral, do bem e do mal, enraizado nos sentimentos, que diziam respeito à recompensa e aos castigos divinos. (TAYLOR, 1994, p. 48)

Através da mudança na ênfase moral dos seres humanos, surge à noção de autenticidade, que ocorre quando a atenção que se dá aos próprios sentimentos assume uma importância moral independente e essencial, como uma nova forma de introspecção, passamos a nos ver como sujeitos dotados de uma profundidade interior (TAYLOR, 1994, P. 49).

A descoberta do indivíduo na modernidade estabelece uma nova compreensão ético-moral. A moral essencialista é superada e concebe-se uma moral guiada pela razão individual. Isto é, há um descobrimento da subjetividade e da racionalidade individual. A partir desta descoberta, em oposição à ética de princípios, a moral subjetivista começa a ser o centro da nova perspectiva moral. Esta ótica afirma a autonomia e a liberdade dos indivíduos frente à civilização e as suas tradições (GHIRALDELLI, 2007, p. 27-40).

O reconhecimento do indivíduo ocorre no plano pessoal e no plano social. No plano pessoal, o reconhecimento encontra-se embasado em fatores culturais, construídos a partir da diferença diante do outro, em que as pessoas encontram-se reconhecidas pelas suas identidades individuais. No plano social, que abrange as sociedades arcaicas até as mais recentes, há um reconhecimento igualitário de uma identidade social (MORIN, 2000, p. 162).

Neste contexto, de definição da identidade e seu reconhecimento, ao buscar compreender como a efetivação da cidadania da mulher vem sendo paulatinamente construída, emerge a necessidade de verificar a forma como vem sendo construída a sua identidade em um contexto histórico e cultural.

Percebe-se que as relações de gênero, ou seja, as relações entre homens e mulheres, foram firmadas ao longo dos tempos, configurando-se como construções culturais de identidades masculinas e femininas, envolvendo, para tanto, relações de poder, o que resultou na opressão e submissão das mulheres e na naturalização dessas relações, fazendo com que o reconhecimento das mulheres na sociedade seja um reconhecimento equivocado (WOLF, 1994, p. 96-98).

Esclarece Bourdieu que a dominação masculina pode ser compreendida como tendo sustentação em uma divisão arbitrária entre homens e mulheres. Esta divisão é concebida através de oposições binárias, que classificam uns e outros segundo adjetivos opostos, sendo reservados os positivos a homens e os negativos a mulheres (BOURDIEU, 2002, p. 19). E esta maneira de se classificar é o princípio de um trabalho de construção social dos corpos,

que visa tornar verdadeira a divisão arbitrária que o próprio esquema de pensamento dominante formula.

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritos na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo em que as naturalizam, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que eles engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo, sobretudo por todos os ciclos biológicos e cósmicos (BOURDIEU, 2002, p. 16).

Ao ampliar sua reflexão, ele menciona que há duas operações imprescindíveis nesta socio-dicéia masculina: “ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela uma própria construção social naturalizada” (BOURDIEU, 2002, p. 33).

Ou seja, de acordo com Bourdieu “[...] incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas de ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação” (BOURDIEU, 2002, p. 13).

Constata-se, assim, que através de violência física e de fatores subjetivos foi ensinado o que cabe aos homens e às mulheres, denominado pelo autor como habitus (BOURDIEU, 2002, p. 41). Para o autor, a construção social de homens e mulheres – que se incorpora, de fato, fazendo parecer que é natural esta maneira de concebê-los – está fundada na ordem simbólica (BOURDIEU, 2002, p. 45), acreditando que o caminho de reversão do processo de dominação aponta para aquilo que ele chama de revolução simbólica.

Esta revolução consistiria em modificar as “condições sociais de produção” dos discursos (BOURDIEU, 2002, p. 100-115), aos quais são expostos duradouramente dominantes e dominados, fazendo uso das instituições produtoras e reprodutoras do discurso de dominação (família, escola, Estado e Igreja).

Diante do reconhecimento da identidade e do reconhecimento das pessoas em seus diferentes grupos culturais, bem como a evolução cultural identitária, tanto no âmbito social como também no pessoal, o local onde as diferenças estão bastante à mostra no cotidiano é o ambiente familiar.

Através da história da noção de sujeito moderno, a ideia de identidade se transformou. As identidades eram plenamente unificadas e coerentes com uma racionalidade centrada e atualmente há espaços, a partir de uma racionalidade descentrada, para uma

multiplicidade de identidades. Estas transformações sublinham o surgimento de um momento particular do sujeito, surgindo uma forma nova e decisiva de individualidade, onde há uma nova forma de compreensão do sujeito – individual – e de sua identidade (HALL, 2005, p. 24-25).

3. A IDENTIDADE CULTURAL

Por sua vez, a ideia de diversidade cultural está vinculada aos conceitos de pluralidade, multiplicidade, e, muitas vezes, também, pode ser encontrada na comunhão de contrários, na intersecção de diferenças, ou ainda, na tolerância mútua. A cultura é tanto agente da ordem, como da desordem, porque ela trabalha tanto para preservar os padrões, como para substituí-los por outro padrão, e assim seguem as mudanças sociais (BAUMAN, 2012, p. 24).

O descobrimento da identidade torna-se algo essencial, em relação as transformações sociais segundo Maturana:

“A identidade de um sistema, isto é, o que define um sistema como um sistema de um tipo particular, não é uma característica intrínseca a ele. A identidade de um sistema é constituída e conservada como uma maneira de funcionar como um todo nas interações recursivas do sistema no meio que o contém. A constituição e a conservação da identidade de um sistema são fenômenos sistêmicos dinâmicos que ocorrem mediante as interações recursivas do sistema com os elementos do meio. Além disso, um sistema surge quando a configuração de relações e interações que o definem começa a ser sistemicamente conservada através das próprias interações do sistema no meio, num processo que eu chamo de organização espontânea. Ao ocorrer isto, o fluir das mudanças estruturais internas do sistema torna-se subordinado à conservação da operação do sistema como um todo, nos termos que descrevi acima quando falei sobre nossa origem humana. No fluir das sucessivas gerações de sistemas vivos, o resultado disso é que a estrutura interna (a corporalidade) dos membros de uma linhagem particular torna-se mais e mais subordinada à realização da identidade conservada na linhagem. Em nós, seres humanos, a cultura em que vivemos constitui o meio no qual somos realizados como seres humanos, e nos transformamos em nossas corporalidades no curso da história de nossa cultura, de acordo com a identidade humana que surge e que é conservada nessa cultura”. (MATURANA, p. 180, 2001)

Devido o ser humano, ser reflexivo e consciente da forma que vive. Pode-se escolher o modo de viver, conforme a identidade humana que cada indivíduo conserva. Desse modo, nossa identidade humana é tanto constituída quanto conservada numa dinâmica sistêmica definida pela rede de conversações da cultura que cada ser humano se encontra. “Portanto, podemos ser Homo sapiens sapiens, Homo sapiens amans, Homo sapiens aggressans ou Homo sapiens arrogans”, conforme a cultura que cada indivíduo possui e conserva, mas ao

mesmo tempo pode se modificar culturalmente, dependendo da configuração de emoções que dá à cultura um caráter particular (MATURANA, 2001, p. 180).

Buscando uma definição para o termo identidade, alguns tópicos relevantes ao tema são ressaltados por Woodward: existe uma associação entre identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa; a construção da identidade é tanto simbólica quanto social; a identidade é marcada pela diferença e parece que algumas são vistas como mais importantes que outras, conforme lugares e momentos particulares; uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos (WOODWARD, 2000, p. 7-11). E, em outro momento, Woodward observa que algumas diferenças são marcadas ou obscurecidas (WOODWARD, 2000, p. 7-11) e que neste processo surge a definição do outro, que muitas vezes pode representar uma ameaça (WOODWARD, 2000, p. 24).

Destarte, se pode deduzir que identidade é como a pessoa se vê e é vista pelas demais, conforme lugares e contextos. Alertando Woodward que “Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra” (WOODWARD, 2000, p. 31-32). Sendo assim, identidade, no âmbito desta pesquisa está diretamente vinculada a papéis sociais que cada indivíduo exerce. Pois vários papéis são representados por um mesmo sujeito. No trabalho, no lazer, na família, na religião, na sexualidade, na nacionalidade, etc...

Requerem representações distintas e diferentes formas de reproduzir sua lógica interna de identificação. A identidade, nessa direção, constitui-se como uma representação redutora a respeito de sua capacidade de modificação e de contato com outras alternativas presentes na alteridade. Transfigura-se identidade. Move-se, oculta-se, reaparece, negocia, simula e apropria-se ao mesmo tempo. Garantindo desta forma, a unidade de suas representações e afastando o questionamento sobre sua instabilidade estável (RESTA, 2014).

Para melhor compreender papéis sociais, contribui Erving Goffman, com sua obra *A representação do eu na vida cotidiana*, onde afirma que grande parte do comportamento cotidiano é semelhante ao de autores no palco. Segundo Goffman as pessoas se utilizam de estratégias, visando passar delas próprias uma autoimagem positiva, mediante recursos verbais e principalmente não-verbais, desta forma, indivíduos e grupos estão constantemente representando uns para os outros (GOFFMAN, 2002, p. 11-24).

Para compreender as transformações sociais, observam-se as mudanças culturais, segundo Warat “Quando as pessoas interpretam, escondem-se ou tentam dominar (ou ambas as coisas), quando as pessoas sentem sem interpretar crescem” (WARAT, p. 87, 2001). E

desta forma que as pessoas foram afirmando a razão individual e da subjetividade, ocorrendo à mudança de comportamento, devido a grande mudança cultural, hoje o mundo impulsiona a sociedade, a pensar diferenças e pluralidades.

As relações sociais, nomeadamente as relações de amor e amizade, ficam sujeitas a fragilidade dos sentimentos e tornam-se excessivamente vulneráveis. Por outras palavras a personalização das palavras amorosas e afetivas, leva à destituição do seu caráter regulador do conflito, passando a serem elas próprias afetadas por ele. Para M. Foucault, este movimento chamado de processo de personalização, de revelação do mais secreto de nós próprios, é um movimento de raízes e alcance profundos (FOUCAULT, 1977).

O seu início seria visível na ordem dos poderes religiosos que inauguraram no séc. XIII uma das principais formas de produção de verdade nas sociedades Ocidentais: A confissão. A relação de confissão é sobretudo uma relação de poder, entre aquele que fala sobre si/ se confessa, e aquele que ouve, tendo o poder de julga-lo, perdoando ou punindo. Com a incorporação da obrigação da confissão, no homem Ocidental, a medicina, a psiquiatria, a pedagogia, irão constituir-se no sec. XIX, com base nessa ideia. Uma ciência-confissão, onde se articulam a produção da verdade/ confissão e os métodos da escuta clínica (FOUCAULT, 1977).

Neste contexto, são os prazeres individuais, normais ou aberrantes, e tudo que rodeia o ato sexual (pensamentos, obsessões, imagens, desejos). O sexo, e a diversidade das suas práticas, irão ser cuidadosamente catalogados e classificados pela psiquiatria. Daí a obstinação da sociedade Ocidental em falar de sexo, e em falar dele em termos de repressão, e em dar valor e ouvidos aos que querem destruir os efeitos dessa repressão (FOUCAULT, 1977).

O processo de personalização ao legitimar o individualismo, e ao terminar com a oposição, o escândalo, a revolução. Constituí a sociedade pós-moderna, que se estabelece contra esses princípios: a confiança e a fé no futuro deram lugar ao desejo de realização pessoal, a avidez de afirmação da identidade pessoal de acordo com os valores de uma sociedade personalizada. Onde o que importa é que o indivíduo, seja ele próprio e onde tudo e todos tem direito de reconhecimento social.

CONCLUSÃO

Por meio dessa pesquisa buscou-se investigar a construção e reconstrução das identidades, com a modernidade o ser adquire consciência de si e o paradigma da identidade

tornou-se possível. A identidade assume uma dimensão variável e o “eu” é capaz de mudar e de ganhar novos contornos independentemente de elementos formais que o alcançam, uma vez que é na consciência que se processam as modificações que realmente importam para o indivíduo compreender-se como é.

Deste modo, com a modernidade, livra-se, a identidade, do conceito de essência. Portanto existem identidades, porque não é possível uma identidade absoluta. A identidade do ser é um traço de sua presença diferente, uma característica que o diferencia da diferença do outro.

A identidade, contemporaneamente, identifica ao diferenciar, reproduz unidade por processo de separação. O indivíduo acredita identificar a sua condição de ser, ou seja, se no modelo pré-moderno o ser, como afirmava Heidegger, era um elemento da própria identidade, com a modernidade a identidade passa a ser um elemento do ser (HEIDEGGER, 1990).

Por isso, a explosão de diferenças e sua visibilidade na sociedade contemporânea, sobretudo após o período pós-industrial e depois da consolidação da democracia na sociedade ocidental. Foram substancializadas por reivindicações de reconhecimento identitário, baseadas em questões de cor, gênero, idade, etc., requerendo visibilidade e reconhecimento pelo Direito.

Pode-se inferir, desta pesquisa, que o consumo contemporâneo aponta uma das possíveis justificativas para a transformação das identidades e do individualismo. Pois nas sociedades em que não existem maiores ideologias políticas, certo número de indivíduos tende a querer afirmar a sua identidade por meio do consumo próprio. Nota-se a multiplicação dos "produtos simbólicos", que permitem imprimir escolhas sociais, valores, uma visão de mundo, uma identidade individual e opcional.

Deduz-se, pelas reflexões feitas neste estudo, que o processo de construção e reconstrução da identidade e a consolidação da cidadania é um processo contínuo. Pois a identidade se constrói como possibilidade do ser que adquire sentido na relação com o seu oposto, visando reconhecimento e inclusão que perpassa pela implementação de ações afirmativas, onde o Estado pode ser atuante, através de políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BERTASO, João Martins, André L. Copetti S. **Cidadania e Direitos Culturais a tutela judicial das minorias e hipossuficientes no Brasil**. Santo Ângelo. 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade – 1. A Vontade de saber**. Lisboa: Edições António Ramos, p. 1977.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- FERRAJOLI, Luigi. **A soberania no mundo moderno**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Social: O poder das relações humanas**. São Paulo, Ed. Campus, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2002.

GIDDENS, Anthony. **Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista. 1993.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O corpo** – Filosofia e educação. São Paulo: Ática, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A. 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Identidad y diferencia/ identitat und differenzi**. Edición bilingüe. Barcelona: Anthropos, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa**. Porto Alegre, Sulina. 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Entrevista coordenada por Bertrand Richard. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2007.

MATURANA, Humberto, Francisco Varela. **A árvore do conhecimento. As bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: editorial Psy II. 1995.

_____. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2001.

_____. Gerda Verden Zoller (1993). **Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena. 2009.

_____. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1999.

_____. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2006.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1998.

RESTA, Eligio. **Percorso da identidade:** uma abordagem jusfilosófica/ trad. Doglas Cesar Lucas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

SCOTT, Joan Walach. **A cidadã paradoxal:** as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SILVA, Tomas Tadeu (Org.). **Identidade e diferença:** A perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo:** examinando a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Mirian. **A revolução das mulheres:** um balanço do feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

WOLF, Susan. Comentários. In: TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo:** examinando a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

WOODWARD, Knathry. **Identidade e Diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu Tomaz da [Org.]. **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.